

EDUCAÇÃO, QUESTÃO RACIAL E CONSERVADORISMO: PENSANDO COM FLORESTAN FERNANDES

Elson dos Santos Gomes Junior⁽¹⁾, Cláudio Alves Pereira⁽²⁾

⁽¹⁾ Especialista do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica: teoria e prática - Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) - Campus Piumhi.

⁽²⁾ Professor orientador - IFMG - Campus Avançado Arcos.

RESUMO

Este trabalho apresenta a contribuição do sociólogo Florestan Fernandes para a educação para as relações étnico-raciais. Tomando o conservadorismo como variável analítica, apresenta uma leitura crítica desta matriz político-social demonstrando, com isso, a inconsistência de alguns pilares largamente propagados e defendidos. Metodologicamente esta pesquisa é de cunho qualitativo-bibliográfico e se detém nos trabalhos dedicados ao estudo da população negra no Brasil. Além disso, associa a tais trabalhos a sociologia da educação de Florestan contida em quadro obras de cunho estritamente educacional. Desta sobreposição extraímos uma análise crítica que se contrapõe explicitamente ao conservadorismo, demonstrando a importância de uma educação que desnaturaliza as fissuras sociais e que busca promover a igualdade racial e educacional.

Palavras-chave: Palavra 1. Palavra 2. Palavra 3.

1 INTRODUÇÃO

O conservadorismo se encontra entre as principais correntes políticas da modernidade (KINZO, 2001) e, além de integrar a sua construção, encontra-se presente e atuante tanto nas sociedades centrais do capitalismo quando nas de capitalismo dependente. Com isso, falar de conservadorismo é abordar um dos grandes temas da contemporaneidade, uma vez que envolve embates nas mais variadas esferas da vida política, social, cultural e econômica.

Neste sentido, desde autores clássicos como Burke (2012) e Tocqueville (1998) até contemporâneos como Kirk (2021) e Scruton (2021), encontramos a defesa secular de princípios marcantes desta corrente política. Entre estes, podemos destacar a aversão a movimentos revolucionários, a condenação do conhecimento teórico-filosófico e científico de origem iluminista, a defesa de uma educação “preconceituosa” marcada pela resposta de prontidão, a naturalização da estrutura social e a valorização de uma narrativa teológica que concebe o social como fruto do criacionismo e, sendo assim, pronto e acabado (GAHYVA, 2017).

Considerando o supracitado, identificamos na obra de Florestan Fernandes uma clara preocupação em desconstruir o conservadorismo, tanto em termos científicos (FERNANDES, 1976), quanto em termos sociais (FERNANDES, 2005), políticos (FERNANDES, 2011) e culturais (FERNANDES, 1980). Assim, considerando os propósitos deste trabalho, ao considerarmos a questão racial e educacional do Brasil, percebemos que Florestan concebeu-as com o que chamou de “dilemas”, ou seja, fissuras sociais reconhecidas pelo formalismo institucional, no entanto, que não foram transformadas em efetividade histórica.

Neste pequeno panorama, encontramos em Florestan Fernandes uma proposta de educação para as relações étnico-raciais que se apresenta indiscutivelmente oposta ao conservadorismo – principalmente em suas dimensões culturais, econômicas e políticas. Além disso, evidencia que, ao contrário do que defende esta corrente político-social, a sociedade não está pronta e, por isso, temos muito a realizar, principalmente, no que tange a promoção de milhões de sujeitos a condição efetiva de “gente” (FERNANDES, 2008).

2 DESENVOLVIMENTO

A primeira questão que desenvolvemos a respeito desta proposta de educação para as relações étnico-raciais em Florestan Fernandes se refere ao lugar do negro na modernidade, ou seja, como o processo de modernização assimilou a presença do negro? Para o sociólogo paulista, simplesmente, não assimilou (FERNANDES, 2008). A integração do negro na sociedade de classe foi marcada por uma condição marginal, de “não gente”, ocasionando o que chamou de “déficit negro” (BASTIDE; FERNANDES, 2008).

Nesta perspectiva, temos que tomar como perspectiva de “longa duração” – a assim chamada análise sócio-histórica de Florestan –, que, por gerações, a população negra se viu alijada do processo de modernização. As instituições culturais, políticas, jurídicas, econômicas, entre outras, tiveram o negro, quando muito, como mão-de-obra. Assim mesmo, realizando tarefas degradantes e sem qualquer prestígio, de modo que a produção e reprodução da desigualdade se fez por meio desta “longa” linhagem de socializações precarizadas pela sociedade de passado escravocrata e, também, conservadora.

Esse conservadorismo – mais precisamente de cunho classista, abrangendo com preponderância as dimensões política, econômica e cultural –, privou-se de abrir a sociedade civil, as instituições educacionais e todas as portas das novas sociabilidades trazidas pelo processo de modernização para os sujeitos negros (FERNANDES, 2005; 2008; 2007a; BASTIDE; FERNANDES, 2008).

Seguindo para a segunda questão – que envolve a sociologia da educação de Florestan Fernandes –, podemos salientar que existe uma obra estritamente educacional que não deixa dúvidas quanto ao seu compromisso anti conservador (FERNANDES, 1966; 1975; 1984; 1989). Essa sociologia destaca a importância da democratização da escola, o processo de afunilamento e exclusão das classes populares, a perversidade da estrutura social sobre os mais vulneráveis e, entre outros, que não podemos naturalizar estas questões.

Sua sociologia da educação não naturaliza esse pacote conservador, sinaliza sua existência e, também, a necessidade de superação de toda forma de conservadorismo de classe, de conservantismo e de acomodação elitista da estrutura social. Neste sentido, considerando os elementos do tópico anterior, entende que o Brasil experimentou um processo de modernização, no entanto, ele foi efetivado para poucos, para uma elite ultraconservadora e privilegiada (FERNANDES, 2005; 1966; 1989).

Neste sentido, o papel da educação é justamente o de oportunizar a “educação para vida” (FERNANDES, 1989), de modo que a juventude possa experimentar a primeira manifestação de sociedade civil, ou seja, a escola em sua forma democrática, inclusiva e transformadora. Com uma escola comprometida com estes pilares, o conservadorismo certamente terá que ceder espaço para as novas relações que poderão se estabelecer a partir de aberturas nos âmbitos político, cultural e econômico.

Assim, o terceiro ponto salienta a sociologia dos sujeitos negros realizada por Florestan (FERNANDES, 2007a; 2008; BASTIDE; FERNANDES, 2008), que também denuncia o conservadorismo presente na formação social brasileira. Dessa forma, aponta para a necessidade de uma superação das estruturas de classe e de exclusão do negro que, até o momento, ainda é visto como um escravo, uma vez que sua condição de gente não se efetiva historicamente. Por essa via, a população negra enfrenta um formalismo existencial em termos de “cidadania”, cuja institucionalidade republicana reformulou-se conforme os moldes das instituições dos países centrais, contudo, essa mudança serviu somente para a manutenção da integração ao sistema mundo do capitalismo.

Na prática, o que essas pessoas experimentam é, na verdade, uma existência tensa, marcada por formas variadas de exclusão – política, econômica, cultural, ontológica, religiosa, estética, entre outras – que, segundo Florestan, desembocou em um discurso de “paz social” que busca constantemente esconder tais fissuras (FERNANDES, 2007b; 2014). Essa ideia de totalidade, nacionalismo, integração total – como defendida por Gilberto Freyre –, na verdade, não passa de engodo conservador.

Por isso, ao sobrepormos a sociologia da educação de Florestan Fernandes aos seus trabalhos educacionais, temos uma proposta de educação para as relações étnico-raciais que é, essencialmente, opositora do conservadorismo. Sua proposta aponta para a superação das acomodações elitistas, para a abertura da sociedade civil, para uma democracia efetiva, para uma educação inclusiva e transformadora e, dessa forma, a construção de uma sociedade sob novas bases, qual seja, realmente democrática (FERNANDES, 1989; 2008).

O que temos no momento é uma sociedade de privilegiados que, nessa condição, disputam bens escassos com outros privilegiados sem, com isso, enfrentar grandes opositores. Esse medo sociopático a mudança, segundo Florestan, caracteriza nossas elites como estratos que temem a concorrência (FERNANDES, 1975; 1984). Por isso, educar para as relações étnico-raciais é, antes de tudo, educar para uma participação efetiva nas diversas instâncias sociais em defesa da inclusão e da participação ampliada e efetiva dos negros. Eles são o “Povo” (FERNANDES, 2008), segundo Florestan.

3 CONCLUSÃO

O que buscamos demonstrar nesse trabalho foi a existência de uma sociologia crítica que não aceita os pilares do conservadorismo como gramática política e, muito menos, como narrativa explicativa do social. Florestan demonstra que o entendimento da condição do negro no Brasil e em sociedades de capitalismo dependente é, antes de tudo, o elemento fundamental para negar a retórica conservadora. Essa retórica intransigente, nega-se ao diálogo e ao reconhecimento do outro como possível interlocutor do social. Nestes termos, educar para as relações étnico-raciais em países de formação social como a brasileira é, antes de tudo, educar para transformar o formalismo institucional moderno em inclusão efetiva da população negra historicamente excluída e subalternizada.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2008.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Rio de Janeiro: Top´books, 2012.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008. 2 volumes.

_____. **A questão da USP**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- _____. **A Revolução Burguesa no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2005.
- _____. **A Sociologia numa era de revolução social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- _____. **A Sociologia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. **Brasil: em compasso de espera – pequenos escritos políticos**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.
- _____. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora/Editora da Universidade de São Paulo, 1966.
- _____. **Florestan Fernandes na Constituinte: leituras para a reforma política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2014.
- _____. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. **O negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Global, 2007.
- _____. **Que tipo de República?** 2ª ed. São Paulo: Globo, 2007b.
- _____. **Universidade Brasileira: reforma ou revolução?**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1975b.
- GAHYVA, Helga. Notas sobre o conservadorismo: elementos para a definição de um conceito. **Política & Sociedade**. v.16, n.35, p.299-320, 2017.
- KIRK, Russel. **Breve manual de conservadorismo**. São Paulo: Trinitas, 2021.
- SCRUTON, Roger. **Tolos, fraudes e militantes: pensadores da nova esquerda**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.